

A razão entre tradução e a técnica na clínica psicanalítica

The reason between translation and the technique in the psychoanalytical clinique

GABRIELLE BLEY VOLPE

RESUMO:

Partindo do conceito de texto analítico, dentro do dispositivo transferencial, como o conceito de tradução pode servir para pensarmos o que fazemos em uma análise? Uma tradução a partir do conceito de intraduzível em Barbara Cassin pode nos dizer do saber-fazer do analista? Saber fazer que considere a homonímia na tradução e sua relação com a teoria do significante em Lacan e seus efeitos. A interpretação na clínica e sua razão com o intraduzível (Cassin) e a criouliização (Glissant).

PALAVRAS-CHAVE: tradução – psicanálise – intraduzível – Cassin – Lacan – Glissant.

ABSTRACT:

Starting from the concept of analytical text, within the transferential device, how can the concept of translation help us think about what we do in an analysis? Can a translation based on Barbara Cassin's concept of the untranslatable tell us something about the analyst's know-how? Know-how that considers homonymy in translation and its relationship with Lacan's theory of the signifier and its effects. Interpretation in clinical practice and its relationship with the untranslatable (Cassin) and creolization (Glissant).

KEYWORDS: translation – psychoanalysis – untranslatable – Cassin – Lacan – Glissant.

A origem do meu ensino é bem simples, está presente desde sempre, uma vez que o tempo nasceu com aquilo de que se trata. Com efeito, meu ensino é muito simplesmente a linguagem, nada além disto.¹

Introdução:

Investigando sobre a possível razão² entre um texto produzido do encontro com uma obra de arte e o texto analítico,³ nos deparamos com o *savoir-faire* do analista no seminário XXIII de Lacan sobre o sintoma, onde o poético aparece como elemento essencial do *savoir-faire* do analista.⁴ A partir dos textos de Barbara Cassin, filósofa e filóloga, referência importante para pensar a psicanálise a partir

¹ Lacan, J. (2006). *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 34.

² O uso do termo razão parte da intencionalidade de atar o conceito de razão à proporcionalidade da matemática e de relação, ligado ao conceito de *rapport* em francês, dando notícias da razão matemática ecoando com o conceito do *logos* em grego que pode ser também traduzido como razão. Sem deixar de enfatizar que no conceito de razão, *logos*, linguagem, há também a função poética atrelada à *poiesis*. (N.A)

³ Bley Volpe, G. (2024). *Le rapport entre l'écriture d'une expérience esthétique et le texte psychanalytique*. Dissertação de mestrado, UPV Montpellier, sob a direção de Anne Bourgain.

⁴ Lacan, J. (1975-1976). *Le sinthome* (Seminário 23). Disponível em: <http://staferla.free.fr>.

da reabilitação dos sofistas em nosso tempo na psicanálise e a tradução, como espaço democrático de coexistência das diferenças, fomos levadas aos conceitos de *poiesis* e *energeia* que atravessam o questionamento entre a noção de texto analítico e a tradução. Tais noções se entrelaçam em um fazer com a linguagem, com o *logos*; relacionando, racionalizando, pensando, o fazer com a linguagem: do psicanalista, do tradutor e dos sofistas.

Em seu livro *Elogio da Tradução*, Cassin nos apresenta o Mal Radical em tradução, referindo-se à inevitabilidade da homonímia na língua, o que nos levou a um estudo mais aprofundado do conceito de homonímia, relacionando homônimo e significante.

Ao nos depararmos com a inevitabilidade da homonímia e suas consequências para a tradução, algo do estilo de Lacan e da dificuldade de traduzir e transmitir seu ensino nos pareceu pertinente, não somente no que tange a dificuldade, mas também no que o estilo de Lacan seria uma tentativa de transmitir algo do fazer do analista em ato.

Num primeiro momento tentaremos tecer o conceito de tradução a partir da obra de Barbara Cassin, e desconstruir uma suposição de tradução.

Em seguida traremos algo do conceito de criouliização da língua, de um intelectual necessário para pensar a função poética da língua⁵ a partir de bases decoloniais e não apenas ocidentais, como o pensamento do martiniquês Edouard Glissant e sua conceptualização da criouliização, no intuito de contribuir com a formação do analista e sua técnica. Para, então, pensarmos algo sobre a razão entre o conceito de tradução do intraduzível e o fazer do analista, deixando em aberto a questão da tradução como método de leitura do texto analítico. Seria essa tradução, que nos parece racionalizar, no sentido de razão, com a função poética da língua tal qual desenvolveu Jakobson, uma forma de pensar nossa leitura do texto analítico e tudo que isto implica? Essa é a aposta.

1. Sobre o conceito de tradução do intraduzível

Traduzir envolve ler e interpretar um texto. A interpretação na clínica freudiana seria análoga a uma tradução feita a partir de uma única língua, a língua considerada original de um texto, o mito de Édipo; e a maneira dos primeiros tradutores automáticos, nos quais o inglês era a língua referência para traduzir para todas as outras línguas, o resultado acabaria sendo uma má tradução? Neste trabalho sustentamos que uma boa tradução seria uma tradução entre mais de uma língua.

E o que seria uma língua? Em seu texto, o “L’Étourdit” (1972), Lacan observa:

⁵ Referência à concepção de Roman Jakobson acerca da função poética da linguagem. Cf. *Hommage à Roman Jakobson* (France Culture, 1977).

Uma língua entre outras nada mais é do que a integral dos equívocos que sua história deixou persistir.⁶

Barbara Cassin em seu livro *Elogio da Tradução, Complicar o universal*, comentando a frase de Lacan, diz:

[...] Que uma língua seja “entre outras”, tem por condição de que haja “mais de uma língua”. [...] **É necessário, de fato, que a língua de cada um se reverbere contra o muro de outra língua para que ela deixe de ser por si mesma considerada natural, pois ela se encontra agora reenviada, ouvida e, muito precisamente, “analisada” por um terceiro.**⁷

A frase em destaque na citação tem o intuito de chamar atenção ao que pode ocorrer em uma análise. A definição de intraduzível não é o impossível de se traduzir, mas justamente o que não cessa de não ser traduzido. Conceito esse que entrelaça significante e homônimo. Sem entrar na complexidade da definição de homônimo, diríamos que, basicamente, um homônimo é uma palavra que pode ter múltiplos sentidos, a mesma palavra. A relação com o significante nos parece evidente.⁸

Determinar o sentido das palavras é uma forma de controlar a produção inevitável de homônimos, pois eles persistem devido à oralidade, ao mal entendido. Devido à homonímia inevitável nas línguas, Aristóteles impõe o princípio da não contradição e Platão expulsa os poetas da Cidade. Isso não acontece por acaso e está intrinsecamente ligado à questão do poder.

Neste ponto gostaria de chamar a atenção para o texto escrito e a fala de Lacan que exploram as possibilidades de homonímia e de anfibolia⁹ próprias da língua francesa e que o fazem frequentemente **intraduzível**. Concordamos com Barbara Cassin de que Lacan era um sofista do nosso tempo e os textos sofistas apresentam a grande vantagem de obrigar ao tradutor a tomar consciência das suas dificuldades. Sabemos bem, podemos ficar horas em uma frase e uma vida debruçados sobre um texto (Cassin). Não é isto que fazemos com o texto lacaniano? Tanto mais ao traduzi-los? Um texto que nos convoca justamente ao trabalho, a um mais ainda que não estaria longe do que o analista faz com o texto produzido em análise. Em nossa proposta de leitura do texto analítico visamos um fim de análise e não uma análise infinita e portanto, como numa tradução, há uma escolha necessária para um fim, um *telos*.

⁶ Lacan, J. (1972). *L'étourdit*. Staferla, p. 28. N.T.: tradução realizada com auxílio do DeepL e revisada pela tradutora.

⁷ Cassin, B. (2022). *L'effet sophistique*. Paris: Gallimard, p. 124-125.

⁸ Ibidem.

⁹ Anfibolia é a homonímia sintática: uma frase com mais de uma interpretação possível.

É compreensível que a tradução seja considerada como dar um senso único às palavras em um mundo que privilegia a não contradição, que está fundado na lógica aristotélica e que nos obriga que haja um senso unívoco.

**A exigência de univocidade é tão estruturante quanto a proibição do incesto.
[...] Somos todos aristotélicos, quer saibamos, queiramos ou não, em quase todos
os nossos discursos e atos.¹⁰**

E portanto, a patologia do universal, a exclusão: “se você não fala como eu, você é uma planta ou pior, um oximoro chamado sofista” (Cassin). E acrescentaríamos, portanto, que o discurso da análise seria uma saída da lógica aristotélica.

2. A língua como *Energeia*, “*work in progress*” e tradução

A língua como *Energeia* é a característica de que a língua pode ser um *work in progress* (em obras) (Cassin), tal como se fala do trabalho analítico. A língua como performance.

Performance e significante estão intimamente ligados.¹¹

A performance tem relação com a escolha que fazemos em uma tradução ou em uma análise e que gera efeitos. Portanto, existiria uma relação entre o analista e o tradutor, uma vez que a tarefa do analista é também a interpretação, a leitura do texto analítico e sua interpretação para que o ato analítico possa ocorrer num espaço entre ..., cujos efeitos só serão sentidos posteriormente.

Trazemos uma citação de Cassin sobre tradução e que nos remete também ao *setting* analítico:

A tradução é, de fato, duplamente vetorizada: como toda interpretação, ela parte do
“fato da incompreensão” [...]. É assim que o “entre” ganha consistência.¹²

A tradução entre línguas e mesmo, dentro de uma mesma língua, **a tradução como metalinguagem**. Uma tradução que deve escolher, diante da polissemia da linguagem, contra o princípio da não contradição aristotélica e, portanto, em uma outra lógica, uma lógica anti-filosófica, uma lógica sofística, a lógica do significante.

¹⁰ Cassin, B. (2016). *Éloge de la traduction*. Paris: Fayard, p. 116.

¹¹ Cassin, B. (2014). *Philosopher en langues: Les intraduisibles en traduction*. Paris: Rue d'Ulm, p. 11.

¹² Ibidem, p.17.

3. Tradução e *lalangue*

O conceito de *lalangue* é um desses conceitos fundamentais em nossa hipótese. Lacan começa a falar sobre a *lalangue* com uma única palavra em uma conferência de 1971.¹³

Fomos falados, ditos, de maneira particular, e isso teria produzido uma *lalangue*, a qual poderíamos considerar como uma metalíngua para cada tradução que se segue. E é por isso que é uma língua entre outras, uma língua à qual pertencemos mais do que a outras. Sem esquecer que, da mesma forma, a *lalangue*, ao assumir um lugar, uma função ontológica, significa que, como o *den* de Demócrito ou a Helena de Górgias, são invenções poéticas que não têm existência pré-discursiva, invenções que causam ondas, efeito do dito, *motérialisme* diria Lacan. Poderíamos dizer que a *lalangue* é uma tradução particular entre línguas? Na conferência de Lacan em Genebra, sobre o sintoma, o psicanalista utiliza o neologismo, *motérialisme*, pela primeira vez, assim como falará da *lalangue* sem deixar de mencionar o *den* de Demócrito na mesma conferência.

Seria possível considerar a tradução e a *lalangue* como metalinguagem? Sendo que a *lalangue*, como o intraduzível, não cessaria de (não) ser traduzida.

4. Crioulização e a função poética da linguagem

Com a intenção de anodar as noções de crioulização de Edouard Glissant, filósofo e intelectual martiniquês, a função poética da língua em Jakobson e a proposta de tradução do presente artigo ao fundamento da clínica psicanalítica a partir de Lacan, ou seja, a razão entre esses conceitos, é importante definirmos brevemente tais conceitos.

Em uma citação de um texto baseado em conferências do Glissant, quando interpelado sobre o conceito de crioulização, seu interlocutor define o que seria a crioulização de acordo com o dito de Glissant:

[...] “Elementos heterogêneos, os mais distantes uns dos outros, são colocados em presença uns dos outros e produzem um resultado imprevisível.” Parece-me que a força e a imprevisibilidade do resultado dependem da distância dos elementos colocados em presença uns dos outros. Essa definição me parece evocar, irresistivelmente, a definição de André Breton e de Pierre Reverdy da imagem poética que aproxima dois elementos tão distantes quanto possível um do outro, e é dessa distância e desse choque que nasce algo de imprevisível que se chama imagem.
[...]

¹³ Lacan, J. (1971-1972). *Le savoir du psychanalyste*. Versão em PDF disponível na École Lacanienne de Psychanalyse. Disponível em: <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1971.11.04-1.pdf>.

Ao que Glissant responde:

Sim, totalmente. Isso confirmaria que o ato poético é um elemento de conhecimento do real.¹⁴

Para Jakobson a função poética da linguagem seria fundamental mesmo para a existência de uma língua. De acordo com esse autor, sem a função poética a língua é morta.¹⁵

A função poética tem como base a equivocidade intrínseca da língua, a homonímia como mal radical da tradução (Cassin) e para a psicanálise, o funcionamento do significante.

Conclusão (não sem *Poiesis*):

Argumentamos que a especificidade do texto analítico seria a *poiesis* e a *energeia*. O conceito de *poiesis*¹⁶ é relevante para a nossa argumentação. Está ligado a uma produção, uma criação, um movimento.

Se em uma análise se produz um texto, que não é um texto qualquer, mas uma criação *ex-nihilo*, uma escrita traduzida no sintoma e que o analista se envolve em sua leitura, em um espaço entre, onde é possível ler entre significantes, o sujeito da análise, seria possível falar de interpretação, leitura do texto, não mais como uma decifração de um código, um signo único, mas como uma tradução do intraduzível? Porque há algo que foi escrito em uma língua particular. A especificidade deste texto está relacionada com o conceito de palavra/ato (Lacan), uma palavra que implica uma *poiesis*, os movimentos da língua, *energeia*, da metonímia e principalmente da metáfora que abre a possibilidade da *poiesis*, da criação, de outro sentido, de um ato. Uma outra escrita, tradução a partir do encontro entre mais de uma língua dentro de uma outra lógica produzida no discurso da análise.

Enfatizamos que a razão entre o conceito de tradução entre línguas, defendido neste trabalho e a técnica psicanalítica que leva em conta a estrutura significante, a homonímia, o equívoco e o que para Glissant estaria na base da criouliização, o que ele nomeia de Relação (a estrutura), não significa um relativismo puro e simples, um, tudo é válido, mas um relativismo que chamaremos a partir de Cassin, consequente.

¹⁴ Glissant, É. (2005). *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, p. 31.

¹⁵ France Culture. “Sans la fonction poétique le langage est mort”, episódio 7/16 do podcast *De la linguistique avec Roman Jakobson*. Disponível em: <https://www.radiofrance.fr/franceculture/podcasts/les-nuits-de-france-culture/hommage-a-roman-jakobson-6-14-pourquoi-l-ecriture-1ere-diffusion-13-10-1977-5894142>.

¹⁶ A definição encontrada no dicionário online *La Langue Française* é a seguinte: “*Poiesis* é um termo filosófico proveniente do grego antigo *ποίησις*, que significa criação ou produção. Designa o processo pelo qual uma obra de arte toma forma e se materializa [...]”. Disponível em: <https://www.lalanguefrancaise.com/dictionnaire/definition/poiesis>. Tradução livre.

O que a razão entre estes conceitos evidencia é que há uma criação *ex-nihilo*, uma invenção, que pode se dizer do nada, não obstante esse nada, desenvolvido por Lacan extensivamente com auxílio da lógica, da matemática, topologia e dos nós, a partir de exemplos como o zero, o conjunto vazio, entre outros exemplos, é um nada que inicia a cadeia. Isso implica dizer que há um início de cadeia significativa, um corte improvável (o *den*), aleatório, um equívoco, um homônimo, um significante, uma opacidade. Poderíamos dizer que há uma *lalangue* que já é em si mesma produto de uma tradução. Haveria uma escolha inevitável na tradução assim como para a leitura e escrita do texto analítico, para que haja o ato. Na Relação entre línguas, como diria Glissant e no que Cassin chama de um Relativismo Consequente, um *bom* para: um determinado contexto, comunidade, laço social e na psicanálise, um sintoma.

Isso implicaria em dizermos que, se podemos falar de liberdade em psicanálise, parafraseando Sartre podemos inferir que somos condenados a nossa liberdade. Uma contradição lógica, ou seja que nossa liberdade estaria intrínseca ao fato de que somos condenados pelo mal radical da homonímia e da equivocidade chancelante da língua e portanto escolhemos quer queiramos ou não – em tradução e em psicanálise. Este fato, inconsciente, não é sem efeitos. Para terminar citando Lacan: “O fato de que se diga permanece esquecido por trás do que é dito no que se entende”,¹⁷ o que torna viável uma tradução ou uma psicanálise. Daí alguma razão entre esses campos.

¹⁷ Lacan, J. (1978). *Lacan in Italia, 1953-1978* = *Lacan en Italie, 1953-1978*. Milano: La Salamandra.

BIBLIOGRAFIA:

1. Bley Volpe, G. (2024). *Le rapport entre l'écriture d'une expérience esthétique et le texte psychanalytique*. Dissertação de mestrado. Montpellier, Hérault, França.
2. Cassin, B. (org.). (2014). *Philosopher en langues: les intraduisibles en traduction*. Paris: Rue d'Ulm.
3. Cassin, B. (2016). *Éloge de la traduction: compliquer l'universel*. Paris: Fayard.
4. Cassin, B. (2022). *L'effet sophistique*. Paris: Gallimard.
5. Glissant, É. (2005). *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução de E. A. Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF.
6. France Culture. *Sans la fonction poétique le langage est mort. Episódio 7/16 do podcast De la linguistique avec Roman Jakobson*. Disponível em: <https://www.radiofrance.fr/franceculture/podcasts/les-nuits-de-france-culture/hommage-a-roman-jakobson-6-14-pourquoi-l-ecriture-1ere-diffusion-13-10-1977-5894142>.
7. Lacan, J. (1972). *Discours de Jacques Lacan à l'Université de Milan le 12 mai 1972*. Disponível em: <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1972-05-12.pdf>.
8. Lacan, J. (1971-1972). *Le savoir du psychanalyste*. Disponível em: <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1971.11.04-1.pdf>.
9. Lacan, J. (1972). *L'étourdit*. Disponível em: <http://staferla.free.fr/Lacan/L'etourdit.pdf>.
10. Lacan, J. (1975). *Conférence à Genève sur le symptôme*. Disponível em: <http://gaogoa.free.fr/HTML/Lacan/Joyce/Lacan/1975-10-04%20Conference%20à%20Geneve%20sur%20le%20symptome.pdf>.
11. Lacan, J. (1975-1976). *Le sinthome*. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S23/S23%20LE%20SINTHOME.pdf>.
12. Lacan, J. (1978). *Lacan in Italia, 1953-1978 = Lacan en Italie, 1953-1978*. Milano: La Salamandra.
13. Lacan, J. (2006). *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
14. Montesano, H. (2021). *El texto-clínico: un nuevo género de discurso*. Buenos Aires: Letra Viva.

GABRIELLE BLEY VOLPE

Psicanalista e tradutora. Sócia de APOLa Internacional.

Formada em Biologia e Mestrado em Psicanálise na Université Paul Valéry Montpellier 3.

E-mail: gabivolpe@gmail.com